

O Uso de Hashtags no Facebook e a Repercussão da Campanha #Meuprimeiroassédio¹

Camila MOTA²
Fiamma LIRA³
Pedro MOROSINI⁴
Carla TEIXEIRA⁵

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Resumo: O presente artigo aborda a utilização das hashtags em campanhas nas redes sociais, especialmente no Facebook. Analisando as publicações que utilizam o recurso para divulgar causas sociais, especialmente voltadas ao público feminino, como o combate ao assédio das mulheres, foi observado como funciona a interação dos usuários na rede social 'Facebook'. Esse acontecimento é o que denominamos de cultura participativa. O objetivo deste artigo é observar como o potencial colaborativo dessas campanhas surgidas na internet, principalmente a hashtag #meuprimeiroassédio, estimulou o engajamento das mulheres, dando visibilidade às questões feministas, com debates sobre o machismo e ativas no combate ao assédio, desrespeito e agressão, sejam de caráter físico, psicológico ou moral. Mostramos como a campanha #meuprimeiroassédio repercutiu na mídia e ajudou a quebrar o tabu do silêncio.

Palavras-chave: campanhas; facebook; feminismo; hashtags; mulheres; meu primeiro assédio; conversação em rede.

1 Introdução

Em outubro de 2015 a campanha da #meuprimeiroassédio repercutiu nas redes sociais, principalmente no facebook. A *tag* surgiu no encalço da estreia de MasterChef Junior Brasil, quando a participante Valentina foi alvo de assédio e comentários

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: camilamotalbv@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: fdlira.angel@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: pedromorosini@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Design pela UFPE, coordenadora do curso de Jornalismo da Unicap e professora dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Jogos Digitais da Unicap, email: carla.teixeira3@gmail.com

maldosos nas redes sociais. A reação online foi inflamada. Capitaneada pela ONG Think Olga, a campanha #meuprimeiroassédio rebateu violência digital com um convite às mulheres: que compartilhassem suas histórias de abuso. O movimento foi necessário para provocar a quebra do silêncio e a busca por mudanças entre as mulheres, dando visibilidade e voz às mulheres que passam ou vivenciaram situações desrespeitosas.

No Facebook, a campanha #meuprimeiroassédio foi uma forma de, juntas, as mulheres protestarem sobre a necessidade de mudar o modelo machista da sociedade. Depois dela, outras surgiram em sequência, como os relatos indiretos da *tag* #meuamigosecreto, #forçamarina, #chegadefiuuiu, entre outras. A luta é histórica e reflete um movimento que teve início no século XIX, com o feminismo, movimento social e político que defende a igualdade de gênero e tem como objetivo assegurar os direitos das mulheres. Mesmo diante dos avanços tecnológicos, a realidade não mudou. As mulheres ainda lutam pela conquista de seus direitos, para terem seus espaços respeitados na sociedade. As campanhas em redes sociais que fazem o uso de hashtags, principalmente no Facebook, mostraram a sua força em vários momentos.

No desenvolvimento desta pesquisa foi necessário buscar autores que permitissem a compreensão do fenômeno das redes sociais, do compartilhamento, da conexão. Neste sentido, Castells (2002) contribui com os conceitos de engajamento e de sociedade em rede. O autor aponta que a sociedade interage no mundo virtual no que é chamado de sociedade em rede. Ela caracteriza-se por uma sociabilidade assente numa dimensão, possível e impulsionada pelas novas tecnologias, que transgride o tempo e o espaço. Conectados, vivemos hoje em uma era digital na qual as redes sociais são grandemente utilizadas. Uma delas, o Facebook, cresce cada vez mais em número de usuários.

Para compreender o conceito de interatividade, utilizamos tanto a percepção da cultura participativa, de Jenkins (2009), quanto o de cibercultura de Levy (2010). Para compreender a construção social da mulher e melhor contextualizar o feminismo, Beauvoir (1949) apresenta um olhar sobre as práticas sociais, alertando para os usos de gênero. Esperamos assim ter condensado e estimulado reflexões sobre esse conceito – problemático, mas central – da teoria feminista.

A investigação incluiu ainda a observação do site *hashtagify* (2016) e como as campanhas usando as hashtags #Meuprimeiroassédio, #AgoraÉQueSãoElas,

#meuamigosecreto e #Fiufiu deram visibilidade às questões feministas, sobre o machismo e ao combate ao assédio sofrido por mulheres. Analisando especificamente a campanha #Meuprimeiroassédio.

2 A campanha Meu Primeiro Assédio

Hoje o Facebook possui 1,9 bilhões de usuários ativos. Com a chegada do uso do hashtags (palavras-chave precedidas do símbolo # que, quando usadas, alimentam uma interação dinâmica na rede social, agrupando posts relacionados). Esse tipo de marcação serve para associar uma informação a um tópico ou discussão (figura 01).

A hashtag #meuprimeiroassédio ganhou repercussão em todo país nas redes sociais, ao expor o relato de milhares de mulheres, vítimas de algum tipo de abuso. A campanha abriu caminho para um cenário revelador que apenas evidencia a verdadeira faceta de um país acostumado a naturalizar a opressão. Os relatos começaram a ganhar as páginas da internet, quando uma participante de 12 anos do programa MasterChef Junior foi alvo de assédio nas redes sociais (figura 01). O episódio dividiu, então, homens que banalizavam o assédio contra mulheres, vítimas de algum tipo de violência sexual ainda na infância. Conflito que estimulou a criação de campanha que resultou na publicação de milhares de confidências: 82 mil mensagens, 7 mil mensagens por hora.

Figura 01



A hashtag #Meuprimeiroassédio quebrou o tabu do silêncio da violência contra as mulheres. Fonte: Print do autor.

Ao fazer um levantamento sobre as denúncias que traziam a utilização da hashtag “meu primeiro assédio”, ela foi citada em pelo menos 3.111 postagens com relatos de abusos, a maioria sofridos ainda na infância, quando as vítimas tinham entre 9 e 10 anos de idade. O levantamento do coletivo coincide com pesquisa recente feita pela ONG É Nois Inteligência Jovem – em parceria com os institutos Vladimir Herzog e Patrícia Galvão – que revela que 94% das mulheres brasileiras já foram assediadas verbalmente e 77% sexualmente. Feito em julho de 2016, o levantamento ouviu 2.285 mulheres de 370 cidades brasileiras, entre 14 e 24 anos. Entre os relatos mais comuns estão assédio no transporte coletivo, apalpadinhas e beijo forçado em locais públicos e baladas. O abuso sexual infantil é considerado hediondo e o assédio sexual é crime desde 2009. (THINKOLGA, 2016; ENOISINTELIGENCIAJOVEM, 2016)

Figura 2



Aumento do número de denúncias após campanha foi pauta em programas televisivos.

Fonte: Print do autor

3 Interatividade e cultura participativa

As campanhas usando hashtags se popularizaram nas redes sociais, principalmente no Facebook. Na análise dessa rede social, observou-se como se deu a interação de um conjunto de usuários debatendo um mesmo assunto utilizando-se do recurso das hashtags, em um tipo de atividade que está incluída no que se chama de cultura participativa. Para Jenkins (2009, p. 236),

em toda parte e em todos os níveis o termo "participação" emergiu como um conceito dominante, embora que cercado de expectativas conflitantes. Os consumidores, por outro lado, estão reivindicando o direito de participar da cultura, sob suas próprias

condições, quando e onde desejarem.

Cada vez mais a Web tem se tornado um local de participação do consumidor. A diferença da internet é que ela não é apenas mais uma forma de propagação de informações, histórias ou experiências. A grande revolução que a internet trouxe foi um poder aos usuários de produzir conteúdo, portanto a mudança do simples papel de espectador para um papel mais ativo, criando assim uma cultura participativa.

O surgimento dos meios de comunicação de massa modernos decretou o fim de importantes tradições culturais que floresceram na EUA do século XX, o momento atual de transformação midiática está reafirmando o direito que as pessoas comuns têm de contribuir ativamente com sua cultura participativa. A participação, por outro lado é moldada pelos protocolos culturais e sociais. (Jenkins, 2009)

Neste sentido, a cultura participativa nada mais é do que a amplificação de algo que sempre aconteceu como reflexo a um conteúdo midiático: a fofoca e discussão sobre o assunto. Assim como as vizinhas brasileiras da década de 80 se reuniam toda manhã para comentar sobre a novela e criar teorias sobre o que viria a acontecer, os fãs de diversos segmentos se reúnem online para trocar informações e teorias sobre seus objetos de desejo. Essa cultura participativa é caracterizada por Lévy como inteligência coletiva, definida dessa forma:

uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. (...) a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. Portanto a internet possibilita que cada um pudesse expor suas opiniões, divulgar sobre diversos assuntos, e ter contato com as mais diversas informações. Desta forma o conhecimento, antes restrito, se espalha, e torna-se colaborativo, onde cada usuário consome e produz conteúdo. Analisando casos como as grandes comunidades de fãs de reality shows, que tentavam descobrir detalhes sobre os vencedores ou a lógica por trás das votações, Jenkins percebeu que por trás do conceito de inteligência coletiva defendido por Lévy, onde a comunidade possui conhecimento de tudo e coletivamente compartilha e divulga sobre o mesmo assunto. (LÉVY, 1998. P. 28-29)

Não é como se a internet sozinha pudesse resolver todos os problemas sociais do planeta. Porém, deve-se reconhecer que essa ferramenta permitiu a comunicação, como

a conhecemos, evoluir. Segundo Lévy (1998) “a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (p. 15). Para ele, o ciberespaço não é apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Lévy considera que os processos de transformação social sintetizados no tipo ideal da sociedade em rede ultrapassam a esfera de relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e poder de forma profunda. As expressões culturais são retiradas da história e da geografia e tornam-se predominantemente mediadas pelas redes de comunicação eletrônica que interagem com o público e por meio dele em uma diversidade de códigos e valores. Através deste universo, cultura e informação, que antes seriam exclusivas a uma parte do mundo, ou país, podem se expandir de forma que atinjam até aqueles que estão em outra parte do mundo.

A campanha #meuprimeiroassédio é um perfeito exemplo dessa intercomunicação. Inicialmente usada exclusivamente por brasileiros, a hashtag causou tamanha repercussão nas redes sociais, que chamou a atenção até de mulheres de outros países. O resultado foi #firstharrasment, a hashtag em inglês usada por mulheres da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Chile, Portugal e Holanda, com o mesmo objetivo de sua antecessora, de reportar os primeiros assédios sofridos.

A hashtag #meuprimeiroassédio começou a ser utilizada em meados de outubro de 2015. A campanha surgiu, como foi citado anteriormente, como uma resposta do coletivo feminista Think Olga aos comentários machistas difundidos no Twitter contra uma menina de 12 anos, participante do programa de TV Master Chef Júnior, exibido na Rede Bandeirantes.

4 Mulheres se sentem representadas na campanha #meuprimeiroassédio

A mulher sempre foi retratada na sociedade como o sexo frágil, inferior ao homem e submissa aos desejos e vontades masculinas. Em todas as eras da sociedade, esse conceito foi utilizado para justificar atos de opressão, violência e machismo contra as mulheres. Por exemplo, o papel atribuído à mulher sempre foi de boa filha, esposa e

mãe.

Nas antigas civilizações de cunho patriarcal, vários direitos foram negados à classe feminina: não podiam herdar nem comprar uma propriedade em seu nome, só podiam conquistar algum bem material ou propriedade através do matrimônio; eram excluídas do mercado de trabalho, não tinham nenhuma autonomia em relação à tomada de decisões da própria vida e não tinham nenhum espaço de participação social, econômica e política.

Em pleno século XXI, apesar dos avanços obtidos pelas mulheres na garantia de seus direitos, observamos um preconceito latente e uma discriminação cruel acerca da imagem da mulher, do seu comportamento no cotidiano e do seu papel social e muitas vezes, isso vem acompanhado de julgamentos maldosos. Por exemplo, uma garota é julgada devido a vestimenta que utiliza. Estar vestida de short curto, gostar de sexo casual, sair à noite sozinha, dançar de forma sensual, são encarados como justificativas aceitáveis para piadas machistas, comentários ofensivos, palavras grosseiras, tocar no bumbum, nos seios, nas coxas e em outras partes do corpo, sem o consentimento da mulher, entre outros tipos de agressões.

Todos esses atos alimentam e perpetuam a cultura do estupro. Essa cultura norteia o comportamento dos homens em relação à mulher e determina que certas ações são aceitáveis, quando na realidade, ela é um disfarce para camuflar o abuso e a opressão sofrida pelas mulheres. Nessa ótica, a vítima recebe a culpa por causa dos atos do agressor. No entanto, muitas mulheres sofrem ou já sofreram algum tipo de agressão, mesmo sem estar dentro desse parâmetro. Já foram abusadas e/ou violentadas sexualmente em seus locais de trabalho, universidades, escolas e até mesmo em igrejas. Elas estavam concentradas nas suas atividades cotidianas quando sofreram esses crimes. Na maioria das vezes, a sociedade procura amenizar o problema, culpabilizando a vítima. Mas o verdadeiro culpado é o agressor.

Quando a hashtag #meuprimeiroassédio começou a circular no Facebook, principal rede social da atualidade, ela teve uma adesão enorme por parte das mulheres de várias idades, etnias, profissões e formações. Através dela, as mulheres tiveram um espaço para relatar suas experiências, de expressar suas dores e indignação, de fazer uma mobilização social contra o abuso e fortalecer outras mulheres nessa causa tão importante e necessária na sociedade atual.

Figura 3



Depoimento no Facebook fala da repercussão da campanha. Fonte: Print do autor

É um espaço de voz, participação e empoderamento feminino. Nele se revela a força da mulher contra o machismo e a favor de uma sociedade justa e igualitária, que respeite a mulher do jeito que ela é, sem estereótipos e classificações.

Para além da natureza, ela busca uma realidade mais longínqua mais deslumbrante ainda; está disposta a perder-se em êxtases místicos; nas épocas de fé, numerosas jovens almas femininas pediam a Deus que enchessem o vazio do seu ser; foi muito cedo que se revelou a vocação de Catarina de Siena, de Tereza d'Ávila. Joana d'Arc era uma moça. Noutros tempos, é a humanidade que aparece como fim supremo; então o impulso místico funde-se em projetos definidos; mas foi também um jovem desejo de absoluto que fez nascer em Mme Roland, em Rosa Luxemburgo, a chama com que se alimentaram suas vidas. Em sua servidão, em sua carência, do fundo de sua recusa, a jovem pode tirar as maiores audácias. Ela encontra a poesia; encontra também o heroísmo. Uma das maneiras de assumir o fato de que está mal integrada na sociedade é ultrapassar os seus horizontes mesquinhos. (BEAUVOIR, p. 103, 1949).

5 Índices e dados sobre os efeitos da Hashtag #MeuPrimeiroAssédio

Após a adesão da hashtag #MeuPrimeiroAssédio, bem como de outras relacionadas ao tema, o número de queixas de violência contra a mulher no 180, o “disque-denúncia”, em 2015, aumentou para 63.090, um incremento de 40% em relação ao ano anterior, segundo dados divulgados da Central de Atendimento à Mulher.

Para se ter ideia da amplitude que o movimento ganhou, o uso da hashtag #MeuPrimeiroAssédio, dominou as redes sociais no início de novembro de 2015 e foi utilizada mais de 85 mil vezes em 5 dias.

A internet possibilitou que pensamento feminista ecoasse através do uso da plataforma Facebook e as campanhas das hashtags como #MeuPrimeiroAssédio, #MeuAmigoSecreto e #VaiTerShortinhoSim não apenas denunciaram a violência diária contra as mulheres, como também a troca de vivências que fortalece laços e encoraja vítimas a dar um basta aos abusos.

Os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país, seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. (BEAUVOIR, 1949, p.14)

A sororidade tornou-se uma aliada no fortalecimento do feminismo e na amplificação das vozes das mulheres. É um potencial de infinito alcance, que aumenta ainda mais com o compartilhamento de informações, relatos, depoimentos e, também, apoio. Diante do conservadorismo e do machismo, as mulheres reagem de mãos dadas.

6 Considerações Finais

A campanha #meuprimeiroassédio teve uma grande repercussão no facebook. Segundo a BBC, a campanha alcançou pessoas do mundo inteiro; principalmente no Brasil, Estados Unidos, Egito e Reino Unido. Pode-se creditar o sucesso porque a campanha trata de uma disparidade histórica: a desigualdade de gênero.

Hoje as hashtags são consideradas um símbolo de difusão, ou até mesmo de união. Organiza assuntos e une pessoas, principalmente quando o objetivo são os tópicos de tendência (*trendtopics*). E ela também já ultrapassou os limites: é cada vez mais comum ver o uso do jogo da velha fora da rede social. jornais, blogs e até mesmo programas de TV vêm fazendo uso do símbolo. A sociedade em geral pauta o que é discutido na rede social utilizando-se das hashtags.

Com a campanha, as mulheres ganharam espaço nos principais meios de comunicação dando destaque aos problemas enfrentados durante anos por causa do machismo e da falta de representatividade. Mas também descobrimos que anos de silêncio têm a capacidade de tornar as vozes ensurdecidas quando redescobertas. As

redes sociais tem potencial e força para provocar reflexão e empoderamento. A Internet é feita de pessoas e é a partir delas que as mudanças acontecem. Nesse caso, visando o bem comum e mostrando um problema que está longe de acabar. Neste sentido, é preciso apoiar as vítimas e responsabilizar quem colabora com a manutenção de práticas machistas de abuso, mesmo que sejam vistas como uma “brincadeira” em rede. Por meio da campanha #meuprimeiroassédio aumentaram as denúncias e as mulheres quebraram o silêncio sobre um tema tabu, estimulando um novo tipo de cidadania e novas práticas no tocante às relações sociais.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia, 1949

BBC News. “Campanha brasileira inspira hashtag em inglês sobre primeiro assédio sexual”.

Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151110_primeiro_assedio_repercussao_cc/>

Acesso: 6 maio 2016

CATRACA LIVRE. Vítimas da campanha primeiro assédio tinham média de idade inferior a dez anos. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/vitimas-da-campanha-primeiroassedio-tinham-media-de-idade-inferior-a-dez-anos/>> Acesso: 21 maio 2016

DELAS. Primeiro assédio: maioria de internautas sofreu 1 abuso entre 9 e 10 anos. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/filhos/2015-10-28/primeiroassedio-maioria-de-internautas-sofreu-1-abuso-entre-9-e-10-anos.html>> Acesso: 21 maio 2016

EM. Mulheres denunciam nas redes sociais abusos sexuais. Disponível em:

<http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/11/03/interna_politica,703916/mulheres-denunciam-nas-redes-sociais-abusos-sexuais.shtml> Acesso: 8 maio 2016

HASHTAG. Disponível em: <<http://hashtagify.me>> Acesso: 20 maio 2016

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. Introdução: Dilúvios. In: CIBERCULTURA. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2010

MANUEL, Castells. Sociedade em Rede - A Era da Informação. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000

OLGA, Think. “Hashtag Transformação: 82 mil tweets sobre o #PrimeiroAssedio”. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>> Acesso: 10 maio 2016